

JEFFREY EUGENIDES

As virgens suicidas

Tradução

Daniel Pellizzari



Copyright © 1993 by Jeffrey Eugenides

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Virgin Suicides

Capa

Kiko Farkas e Adriano Guarneri/ Máquina Estúdio

Foto de capa

Elle Hanley

Preparação

Julia de Souza

Revisão

Marina Nogueira

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eugenides, Jeffrey

As virgens suicidas / Jeffrey Eugenides ; tradução Daniel
Pellizzari. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: The virgin suicides.

ISBN 978-85-359-2219-6

1. Ficção norte-americana 1. Título.

12-15537

CDD-813,5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813,5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Um

Na manhã em que a última filha dos Lisbon resolveu que tinha chegado sua hora de se suicidar — foi Mary desta vez, e remédios para dormir, como Therese — os dois paramédicos chegaram à casa sabendo exatamente onde ficava a gaveta de facas, o forno a gás e a viga no porão, na qual era possível atar uma corda. Saíram da ambulância, em nossa opinião com a lerdeza de sempre, e o gordo disse baixinho: “não estamos na TV, pessoal, isso é o mais rápido possível”. Carregando o peso do respirador e da unidade cardíaca, passou pelos arbustos, que tinham crescido até ficarem monstruosos, e cruzou o gramado exuberante que costumava ser discreto e imaculado treze meses antes, quando os problemas começaram.

Cecilia, a mais jovem, com apenas treze anos, foi a primeira, cortando os pulsos dentro da banheira como um estoico, e quando a encontraram, flutuando na piscina rosada com os olhos amarelos de uma possuída e o corpinho exalando um cheiro de mulher madura, os paramédicos ficaram tão assustados com sua tranquilidade que congelaram, hipnotizados. Mas então a sra.

Lisbon entrou correndo e gritando no banheiro e a realidade se restabeleceu: sangue no tapete; a navalha do sr. Lisbon mergulhada no vaso sanitário, marmorizando a água. Os paramédicos retiraram Cecilia da água morna, que acelerava o sangramento, e aplicaram um torniquete em seus braços. O cabelo molhado escorria pelas costas, e as extremidades da menina já estavam azuis. Ela não disse coisa alguma, mas quando separaram suas mãos encontraram o santinho laminado da Virgem Maria que ela segurava contra os seios em botão.

Isso foi em junho, temporada das efeméridas, quando ano após ano nossa cidade fica coberta pelos restos desses insetos de vida curta. Depois de irromperem em nuvens das algas do lago poluído, obscurecem janelas, recobrem carros e postes de luz, emplastram as docas municipais e adornam os cordames dos veleiros, sempre com a mesma ubiquidade parda de escória voadora. A sra. Scheer, que mora no fim da rua, nos contou ter visto Cecilia um dia antes de ela tentar o suicídio. Estava parada ao lado do meio-fio, usando como sempre o antigo vestido de noiva com a bainha desfeita e olhando para um Thunderbird forrado de efeméridas. “Melhor arranjar uma vassoura, meu bem”, recomendou a sra. Scheer. Mas Cecilia a encarou com seu olhar intenso de espiritualista. “Estão mortas”, respondeu. “Só vivem por vinte e quatro horas. Saem do ovo, se reproduzem e morrem. Nem chegam a comer.” E, ao dizer isso, enfiou a mão na camada espumosa de insetos, desenhando suas iniciais: C.L.

Tentamos organizar as fotografias em ordem cronológica, ainda que a passagem de tantos anos tenha dificultado a tarefa. Algumas são nebulosas, mas ainda assim reveladoras. A Peça nº 1 exibe a casa dos Lisbon um pouco antes da tentativa de suicídio de Cecilia. Foi tirada pela sra. Carmina D’Angelo, uma corretoressa imobiliária contratada pelo sr. Lisbon para vender a casa que havia muito tinha ficado pequena demais para sua vasta família.

De acordo com o instantâneo, o telhado de ardósia ainda não tinha começado a perder as telhas, a varanda ainda era visível sobre os arbustos e as janelas ainda se mantinham no lugar sem a ajuda de tiras de fita-crepe. Uma confortável casa de subúrbio. Um borrão na janela superior direita do andar de cima foi identificado pela sra. Lisbon como sendo Mary Lisbon. “Ela vivia tentando aumentar o volume do cabelo, que achava muito fino”, comentou anos depois, relembrando a aparência da filha em sua curta passagem pela terra. Na fotografia, Mary foi surpreendida usando o secador de cabelo. Sua cabeça parece estar em chamas, mas é apenas um efeito da luz. Era 13 de junho, vinte e nove graus no lado de fora, céu ensolarado.

Satisfeitos por terem reduzido o sangramento a um filete, os paramédicos colocaram Cecilia sobre uma maca e carregaram-na até a ambulância estacionada em frente à casa. Parecia uma pequena Cleópatra sobre uma liteira imperial. Vimos o paramédico desengonçado com bigode de Wyatt Earp sair primeiro — foi batizado de “xerife” quando o conhecemos melhor por conta dessas tragédias domésticas — e, em seguida, apareceu o gordo, que segurava a outra extremidade da maca e atravessava o gramado com passos delicados, examinando os próprios pés como se estivesse procurando merda de cachorro. Mais tarde, quando ficamos mais familiarizados com o equipamento, descobrimos que na verdade ele estava conferindo o mostrador de pressão sanguínea. Quando, um tanto atrapalhados, avançaram até a ambulância que tremia e piscava. O gordo tropeçou em um solitário arco de croqué. Vingou-se dele com um chute; o arco saltou como uma mola, erguendo um jorro de terra, e caiu sobre o asfalto com um ruído metálico. Enquanto isso, a sra. Lisbon irrompeu na varanda, arrastando a camisola de flanela de Cecilia,

e emitiu um gemido interminável que fez o tempo parar. Sob as mudas de árvores e sobre a grama fulgurante e banhada de luz, essas quatro figuras congelaram como se formassem um quadro vivo: os dois escravos oferecendo a vítima ao altar (colocando a maca dentro da ambulância), a sacerdotisa brandindo a tocha (sacudindo a camisola de flanela) e a virgem dopada se erguendo, apoiada nos cotovelos, com um sorriso sobrenatural nos lábios pálidos.

A sra. Lisbon acomodou-se na parte de trás da ambulância, mas o sr. Lisbon a seguiu ao volante do furgão, atento ao limite de velocidade. Duas das meninas Lisbon estavam longe de casa: Therese em Pittsburgh, em uma convenção científica, e Bonnie no acampamento musical, tentando aprender a tocar flauta depois de ter abandonado o piano (suas mãos eram pequenas demais), o violino (seu queixo doía), o violão (as pontas dos seus dedos sangravam) e o trompete (seu lábio superior inchava). Ao escutarem a sirene, Mary e Lux atravessaram a rua às pressas, interrompendo sua aula de voz com o sr. Jessup. Invadiram o banheiro lotado e sentiram o mesmo choque de seus pais diante da visão de Cecilia com antebraços salpicados de sangue e uma nudez pagã. Fora da casa, se abraçaram sobre um canteiro intocado que tinha sido ignorado por Butch, o garoto musculoso que cortava grama aos sábados. Do outro lado da rua, um caminhão cheio de homens do Departamento de Parques cuidava de alguns dos nossos olmos moribundos. A sirene da ambulância guinchava, cada vez mais distante, e o botânico e sua equipe deixaram de lado o inseticida para acompanhar a movimentação. Quando a ambulância sumiu, voltaram a borifar. O majestoso olmo, também visível no primeiro plano da Peça nº 1, acabou sucumbindo ao fungo disseminado pelo besouro da grafiose, e foi cortado.

Os paramédicos levaram Cecilia para o Hospital Bon Se-

cours, na Kercheval com a Maumee. Na sala de emergência, Cecilia assistiu com um distanciamento lúgubre ao empenho em salvarem sua vida. Seus olhos amarelos não piscaram, e ela não esboçou reação quando lhe enfiaram uma agulha no braço. O dr. Armonson suturou as feridas nos pulsos. Após cinco minutos de transfusão, declarou que ela estava fora de perigo. Segurando o queixo da menina com delicadeza, o médico perguntou: “O que você está fazendo aqui, meu bem? Você nem tem idade para saber o quanto a vida pode se tornar ruim”.

E foi então que Cecilia forneceu oralmente aquilo que seria sua única forma de bilhete de suicídio, e ainda por cima um bilhete inútil, porque ela sobreviveria: “É óbvio, doutor”, ela disse, “você nunca foi uma menina de treze anos”.

As meninas Lisbon tinham treze (Cecilia), catorze (Lux), quinze (Bonnie), dezesseis (Mary) e dezessete (Therese). Eram baixinhas, com nádegas apertadas nas calças de brim e bochechas redondas que lembravam a mesma maciez dorsal. Sempre que conseguíamos dar uma espiadela, seus rostos pareciam uma revelação indecente, como se estivéssemos acostumados a ver apenas mulheres de véu. Ninguém conseguia entender como o sr. e a sra. Lisbon tinham produzido filhas tão bonitas. O sr. Lisbon dava aulas de matemática para o ensino médio. Era magro, jovial, desconcertado com seus cabelos grisalhos. Sua voz era muito aguda, e quando Joe Larson nos disse que o sr. Lisbon chorou no dia em que Lux foi levada ao hospital, depois de sua tentativa de suicídio, que aconteceu mais tarde, conseguimos imaginar sem dificuldade o som afeminado de seus gemidos.

Sempre que víamos a sra. Lisbon, procurávamos em vão algum sinal da beleza que ela devia ter tido um dia. Mas os braços roliços, o cabelo de palha de aço com corte tosco e os óculos de

bibliotecária sempre frustravam nossas tentativas. Era vista raramente, ou de manhã cedo, saindo para apanhar os litros de leite molhados de orvalho, já vestida com as roupas do dia, ainda que o sol não tivesse nascido, ou aos domingos, quando a família entrava na perua decorada com frisos de madeira para ir até a igreja católica de St. Paul, perto do lago. Nessas manhãs, a sra. Lisbon assumia um ar gélido, digno de uma rainha. Agarrada a sua única bolsa bonita, conferia se havia sinais de maquiagem em cada uma das filhas antes de permitir que entrassem no carro, e não era incomum que mandasse Lux voltar para vestir uma blusa mais discreta. Como nenhum de nós ia à igreja, tínhamos muito tempo para observar os pais vestidos de cores lavadas, como se fossem negativos de fotografias, e então as cinco filhas resplandecentes com vestidos feitos em casa, cheios de babados e rendas, inchados com suas carnes em flor.

Um único garoto tinha recebido permissão para entrar na casa. Peter Sissen ajudara o sr. Lisbon a instalar uma maquete do sistema solar na sala de aula da escola, e em troca foi convidado para jantar. Contou que as meninas não paravam de chutá-lo por baixo da mesa, de todos os lados, de modo que ele não conseguia dizer quem era a responsável. Elas o encararam com olhos azuis e febris e sorriram mostrando os dentes acavalados, único traço das meninas Lisbon no qual conseguimos encontrar algum defeito. Bonnie foi a única que não deu nenhuma olhada ou chute às escondidas em Peter Sissen. Apenas rezou e fez a refeição em silêncio, absorta em sua devoção de garota de quinze anos. Depois de comer, ele pediu para ir ao banheiro, e como Therese e Mary estavam juntas no banheiro do térreo, entre risadinhas e cochichos, ele teve de usar o das meninas, no andar de cima. Voltou com histórias de quartos repletos de calcinhas amassadas, de bichos de pelúcia abraçados até a morte pela paixão das meninas, de um crucifixo ornamentado com um sutiã,

de câmaras diáfanas e camas com dossel, e dos eflúvios de tantas meninas jovens se tornando mulheres, todas juntas no mesmo espaço apertado. No banheiro, com a torneira ligada para disfarçar os sons de sua busca, Peter Sissen encontrou o esconderijo dos cosméticos de Mary Lisbon, amarrados dentro de uma meia sob a pia: tubos de batom vermelho, a camada de blush e base e a cera depilatória que nos dava indícios de um bigode que nunca havíamos notado. Na verdade não sabíamos a quem pertencia a maquiagem encontrada por ele até duas semanas mais tarde, quando avistamos Mary Lisbon no píer com uma boca carmesim que condizia com o tom descrito por ele.

Peter Sissen inventariou desodorantes, perfumes e lixas para eliminar pele morta, e ficamos surpresos ao descobrir que não havia duchas higiênicas em lugar algum, porque achávamos que meninas usavam duchas todas as noites, com a mesma frequência com que escovavam os dentes. Mas essa decepção foi anulada no instante seguinte, quando Sissen mencionou uma descoberta que transcendia nossos delírios mais ousados. Na lixeira havia um absorvente interno usado, ainda fresco das entradas de uma das meninas Lisbon. Ele falou que sentiu vontade de nos trazer aquilo, que não era nojento, era uma coisa linda, a gente precisava ver, parecia uma pintura moderna ou algo assim, e então revelou que tinha contado doze caixas de Tampax no armário. Foi só nesse instante que Lux bateu na porta, perguntando se ele tinha morrido ali dentro, e Sissen a abriu às pressas. O cabelo dela, preso por um grampo durante o jantar, agora caía sobre os ombros. Lux não deu sequer um passo para dentro do banheiro, mas encarou Sissen direto nos olhos. E então, com sua risada de hiena, o empurrou para o lado e entrou, dizendo “Parou de monopolizar o banheiro? Preciso pegar uma coisa”. Caminhou até o armário e então parou, entrelaçando as mãos nas costas. “É privado. Dá licença?”, pediu, e Peter Sissen desceu as escadas

correndo, com o rosto vermelho, e, depois de agradecer ao sr. e à sra. Lisbon, veio direto nos contar que Lux Lisbon estava sangrando pelo meio das pernas naquele exato momento, enquanto as efeméridas deixavam o céu imundo e os postes de luz começavam a se acender.

Quando Paul Baldino ouviu a história de Peter Sissen, jurou que conseguiria entrar na casa dos Lisbon e ver coisas ainda mais impensáveis do que as testemunhadas por Sissen. “Vou ver essas meninas tomando banho”, jurou. Aos catorze anos, Paul Baldino já tinha a mesma barriga de gângster e o rosto de matador de aluguel do pai, Sammy “Tubarão” Baldino, e de todos os homens que entravam e saíam do casarão da sua família, com dois leões esculpidos em pedra ao lado dos degraus de entrada. Ele se movia com a insolência vagarosa dos predadores urbanos que cheiram a colônia e fazem as unhas. Tínhamos medo dele e dos seus primos imponentes e rechonchudos, Rico Manollo e Vince Fusilli, e não apenas porque a casa dele vivia aparecendo no jornal, ou por causa das limusines negras à prova de balas que deslizavam pelo acesso circular ladeado por loureiros importados da Itália, mas por conta de suas olheiras, seus quadris descomunais e seus sapatos pretos, brilhantes de tão engraxados, que ele usava mesmo quando jogava beisebol. Paul Baldino já tinha invadido outros locais proibidos no passado e, ainda que nem sempre voltasse com informações confiáveis, sempre ficávamos impressionados com a coragem de suas operações de reconhecimento. Na sexta série, quando passaram um filme só para as meninas no auditório, foi o Paul Baldino que se infiltrou na sala e ficou escondido na velha cabine de votação, para depois nos contar do que se tratava. Ficamos no parquinho remexendo no cascalho e esperando por ele, e quando enfim apareceu, masti-

gando um palito de dente e brincando com seu anel de ouro, estávamos sem fôlego de tanta expectativa.

“Vi o filme”, anunciou. “Descobri o assunto. Escutem essa. Quando as meninas estão com mais ou menos doze anos” — ele se inclinou em nossa direção — “os peitos delas sangram.”

Mesmo que àquela altura já fôssemos mais entendidos, Paul Baldino ainda nos inspirava medo e respeito. Seus quadris de rinoceronte tinham ficado ainda maiores, e as olheiras se aprofundaram até ganhar uma cor de cinza de charuto misturada com lama, fazendo com que ele parecesse um amigo íntimo da morte. Foi mais ou menos nessa época que começaram os boatos sobre o túnel de fuga. Uns anos antes, por trás da cerca pontiaguda dos Baldino, vigiada por dois pastores-alemães brancos e idênticos, surgiu certa manhã um grupo de trabalhadores. Penduraram lonas em escadas para esconder o que faziam, e três dias depois, quando retiraram as lonas, havia um tronco artificial bem no meio do gramado. Era feito de cimento, pintado para se parecer com casca de árvore, e tinha como acabamento um nó de madeira falso e dois ramos podados apontando para o céu com o fervor dos tocos amputados. No meio da árvore, uma abertura feita com serra circular abrigava uma grelha de metal.

Paul Baldino falou que era uma churrasqueira, e acreditamos nele. Mas, com o passar do tempo, percebemos que ninguém a usava. Segundo os jornais, a instalação daquela churrasqueira tinha custado cinquenta mil dólares, mas ela nunca havia sido usada para grelhar um único hambúrguer ou uma única salsicha. Logo começou a circular o boato de que o tronco era na verdade um túnel de fuga que levava a um esconderijo mais adiante, no rio, onde Sammy “Tubarão” guardava uma lancha, e os trabalhadores tinham pendurado as lonas para esconder a escavação. Então, alguns meses após o início dos boatos, Paul Baldino começou a aparecer em porões alheios, saindo dos buei-

ros. Surgiu na casa de Chase Buell coberto por uma poeira cinzenta que tinha um cheiro simpático de merda; se espremeu até o porão de Danny Zinn, desta vez carregando uma lanterna, um taco de beisebol e um saco contendo dois ratos mortos; e por fim surgiu do outro lado do aquecedor de Tom Faheem, fazendo-o soar três vezes.

Sempre nos explicava que andava explorando um bueiro embaixo de sua própria casa e acabou se perdendo, mas começamos a suspeitar que ele estivesse brincando com o túnel de fuga do pai. Quando se vangloriou de que iria ver as meninas Lisbon tomando banho, todos acreditamos que entraria na casa dos Lisbon da mesma forma que tinha entrado nas outras. Nunca soubemos ao certo o que aconteceu, embora a polícia o tenha interrogado por mais de uma hora. Paul Baldino disse a eles apenas o que havia dito para nós. Falou que tinha se arrastado pelo esgoto pluvial sob o porão da sua casa e começado a caminhar, um passo depois do outro. Descreveu o tamanho surpreendente dos canos, os copos de café e as bitucas de cigarro deixados pelos trabalhadores e os desenhos em carvão de mulheres nuas que lembravam pinturas rupestres. Contou que tinha escolhido túneis a esmo e que, quando passava por baixo da casa dos outros, conseguia sentir o cheiro do que estava sendo preparado na cozinha. Enfim conseguiu passar pela grade do bueiro no porão dos Lisbon. Depois de se limpar, saiu à procura de alguém no térreo, mas não havia ninguém em casa. Chamou diversas vezes, indo de um quarto a outro. Subiu as escadas até o andar de cima. Ao final do corredor, escutou água correndo. Chegou mais perto da porta do banheiro. Insistiu no ponto de que bateu na porta. E então Paul Baldino contou que entrou no banheiro e encontrou Cecilia nua, com os pulsos se esvaindo em sangue, e que, depois de se recuperar do choque, precisou descer as escadas correndo

e telefonar para a polícia antes de qualquer outra coisa, porque era isso que o seu pai sempre lhe dissera para fazer.

Os paramédicos encontraram primeiro o santinho, é claro, que em meio à crise o gordo colocou no bolso. Somente no hospital lembrou de dar a imagem laminada ao sr. e à sra. Lisbon. Àquela altura Cecilia estava fora de perigo, e seus pais descansavam na sala de espera, aliviados mas confusos. O sr. Lisbon agradeceu ao paramédico por salvar a vida da filha. Então virou o santinho e leu o texto impresso no verso:

A Virgem Maria tem aparecido em nossa cidade, trazendo sua mensagem de paz a um mundo em ruínas. Como em Lourdes e Fátima, Nossa Senhora concedeu sua presença a pessoas como você. Para mais informações, ligue para 555-MARIA

O sr. Lisbon leu três vezes aquelas palavras. Em seguida comentou, num tom derrotado: “A menina foi batizada, crismada, e agora acredita nessa bobagem”.

Foi sua única blasfêmia durante todo o suplício. A sra. Lisbon reagiu amassando o santinho com uma das mãos (ele sobreviveu; temos uma fotocópia).

O jornal local não publicou nada a respeito da tentativa de suicídio porque o sr. Baubee, o editor, julgou que uma informação tão deprimente não se encaixaria em lugar algum entre o artigo de primeira página sobre a Exposição de Flores da Liga Júnior e as fotografias de noivas sorridentes na última página. Na edição daquele dia, a única notícia relevante dizia respeito à greve dos funcionários do cemitério (corpos se empilhando, nenhum acordo à vista), mas isso só na página 4, logo abaixo dos resultados da Liga Secundária.

Depois de voltarem para casa, o sr. e a sra. Lisbon se trançaram com as meninas e não fizeram comentário algum sobre o que tinha acontecido. Quando foi pressionada a tocar no assunto pela sra. Scheer, a sra. Lisbon se referiu ao “acidente da Cecilia”, como se a menina tivesse caído e se cortado. Mas Paul Baldino, que já estava cansado de tanto ver sangue, nos descreveu com precisão e objetividade o que tinha visto, sem deixar dúvidas de que Cecilia havia cometido uma violência contra si mesma.

A sra. Buck achou estranho que a navalha tivesse ido parar dentro do vaso sanitário. “Se você estivesse cortando os pulsos na banheira”, comentou, “não deixaria a navalha bem ao lado?” Depois disso começamos a nos perguntar se Cecilia tinha cortado os pulsos depois de imersa na água da banheira ou se ainda estava de pé em cima do tapete, que tinha manchas de sangue. Paul Baldino não tinha dúvidas: “Ela se cortou na privada”, afirmou. “Depois entrou na banheira. Sujou o lugar inteirinho, cara.”

Cecilia foi mantida sob observação por uma semana. Os registros do hospital mostram que a artéria no pulso direito foi seccionada por inteiro, porque ela era canhota, mas que o corte no pulso esquerdo não tinha sido tão profundo, deixando intacta a parte inferior da artéria. Ela levou vinte e quatro pontos em cada um dos pulsos.

Voltou ainda usando o vestido de noiva. A sra. Patz, cuja irmã era enfermeira no Bon Secours, disse que Cecilia se recusou a vestir a camisola hospitalar, exigindo que trouxessem seu vestido de noiva, e o dr. Hornicker, psiquiatra da equipe, julgou que era melhor fazer sua vontade. Cecilia voltou do hospital em meio a uma tempestade. Estávamos na casa do Joe Larson, do outro lado da rua, quando ouvimos a primeira trovoada. Do térreo, a mãe de Joe gritou para que fechássemos todas as janelas, e corremos para obedecer. Lá fora, um vácuo profundo deixou

o ar parado. Uma lufada de vento atingiu uma sacola de papel, que se elevou, voando pelos ramos mais baixos das árvores. Em seguida, o vácuo se rompeu com o aguaceiro, o céu ficou negro e a perua dos Lisbon tentou passar incógnita na escuridão.

Chamamos a mãe de Joe para assistir. Em poucos segundos, escutamos seus pés velozes nos degraus forrados com carpete, e ela se juntou a nós diante da janela. Era terça-feira, e ela cheirava a lustra-móveis. Juntos, vimos a sra. Lisbon usar um dos pés para abrir a porta do carro e, em seguida, sair com a bolsa sobre a cabeça, para não se molhar. Franzindo o cenho, quase agachada, abriu a porta de trás. A chuva continuava. O cabelo da sra. Lisbon caía sobre seu rosto. Por fim, surgiu a cabecinha de Cecilia, indistinta em meio à chuva, emergindo com estranhos movimentos de impulsão por conta das tipoias que lhe imobilizavam os braços. Ela levou um tempo para reunir energia suficiente para ficar de pé. Quando enfim conseguiu cambalear para fora, ergueu as duas tipoias como se fossem asas de lona, então a sra. Lisbon tomou seu cotovelo esquerdo e a conduziu para dentro de casa. A essa altura, a chuva desabava com força total e não conseguíamos mais enxergar o outro lado da rua.

Nos dias seguintes vimos Cecilia muitas vezes. Ficava sentada nos degraus de entrada da casa, apanhando e comendo frutinhas vermelhas dos arbustos ou manchando as mãos com o sumo. Estava sempre usando o vestido de noiva, com os pés descalços e sujos. À tarde, quando o sol iluminava o jardim, assistia às formigas atravessando rachaduras na calçada ou se deitava de barriga para cima sobre a grama fertilizada e olhava para as nuvens. Estava sempre acompanhada de alguma das irmãs. Therese levava livros de ciências para os degraus e ficava estudando fotografias do espaço profundo, levantando os olhos sempre que Cecilia se aproximava dos limites do jardim. Lux estendia toa-

lhas de praia e tomava banho de sol enquanto Cecilia rabiscava arabescos na própria perna usando um graveto. E, algumas vezes, Cecilia se aproximava da guardiã, abraçava-lhe o pescoço e cochichava em seu ouvido.

Todo mundo tinha uma teoria para explicar por que ela havia tentado se matar. Para a sra. Buell, a culpa era dos pais. “Aquele menina não queria morrer”, disse a nós. “Tudo que ela queria era sair daquela casa.” E a sra. Scheer completou: “Queria sair daquele estilo de decoração”. No dia em que Cecilia voltou do hospital, as duas senhoras levaram um bolo *bundt* como demonstração de solidariedade, mas a sra. Lisbon se negou a admitir que qualquer calamidade tivesse ocorrido. Encontramos a sra. Buell muito envelhecida, imensa de gorda, ainda dormindo em um quarto separado do do marido, o cientista cristão. Apoiada na cama, ainda usava óculos escuros em estilo gatinho durante o dia, com armação perolada, e ainda chacoalhava cubos de gelo no copo alto que garantia conter somente água; mas havia nela um novo odor de indolência vespertina, um cheiro de novela. “Assim que Lily e eu aparecemos com aquele bolo, a mulher mandou as meninas subirem. Dissemos que ainda estava quente, ‘vamos todas comer um pedaço’, mas ela pegou o bolo e colocou na geladeira. Bem na nossa frente.” A lembrança da sra. Scheer era diferente. “Odeio dizer uma coisa dessas, mas faz anos que Joan vive bêbada. A verdade é que a sra. Lisbon nos agradeceu de um modo bem afável. Não havia nenhum sinal de algo errado. Comecei a pensar que talvez fosse verdade que a menina tivesse apenas caído e se cortado. A sra. Lisbon nos convidou para ir até o jardim de inverno, onde cada uma de nós comeu uma fatia de bolo. Em dado momento, Joan desapareceu. Talvez tenha voltado para casa porque queria tomar mais um trago. Não me surpreenderia.”

Encontramos o sr. Buell um pouco mais adiante, num quarto

decorado com tema esportivo que ficava no mesmo corredor do quarto da esposa. Na prateleira havia um retrato de sua primeira mulher, que ele continuava amando mesmo após o divórcio, e, quando ele se levantou para nos cumprimentar, vimos que ainda estava encurvado por conta do ferimento no ombro que a fé não conseguiu curar inteiramente. “Foi como qualquer outra coisa nesta sociedade triste”, disse. “Elas não tinham uma relação com Deus.” Quando mencionamos o santinho da Virgem Maria, respondeu: “Ela deveria estar com uma imagem de Jesus”. Por trás das rugas e das sobrancelhas brancas e revoltas, era possível discernir o rosto bonito do homem que tinha nos ensinado a jogar futebol americano muitos anos antes. O sr. Buell fora piloto na Segunda Guerra Mundial. Abatido sobre a Birmânia, conduziu seus homens por uma trilha de cento e cinquenta quilômetros pelo meio da selva até chegarem a um lugar seguro. Depois disso, nunca mais aceitou qualquer remédio, nem mesmo aspirina. Em certo inverno, quebrou o braço esquiando, mas só conseguiram convencê-lo a tirar uma radiografia e nada mais. Desse momento em diante, passou a fazer caretas de dor quando tentávamos derrubá-lo em uma jogada, varria folhas secas usando apenas uma das mãos, e parou de dar espetáculos com a frigideira ao fazer panquecas nas manhãs de domingo. Mesmo assim, perseverou, e sempre nos repreendeu com delicadeza quando pronunciávamos o nome de Deus em vão. No quarto, o ombro incorporou-se a uma graciosa corcunda. “Como é triste pensar naquelas meninas”, disse. “Que desperdício de vida.”

A teoria mais popular da época colocava a culpa em Dominic Palazzolo. Dominic era imigrante, morava com parentes até que sua família se estabelecesse no Novo México. Foi o primeiro garoto da vizinhança a usar óculos escuros, e uma semana depois de chegar se apaixonou. Seu objeto de desejo não era Cecilia, mas Diana Porter, uma garota de cabelos castanhos e

um rosto atraente, ainda que equino, que morava em uma casa coberta de hera perto do lago. Infelizmente, Diana não percebia Dominic espiando pela cerca enquanto ela jogava tênis na quadra de saibro, nem quando ela se deitava na espreguiçadeira da piscina, transpirando néctar. No nosso canto, no nosso grupo, Dominic Palazzolo não participava das conversas sobre beisebol ou tipos de ônibus, porque só sabia falar algumas palavras em inglês, mas, de vez em quando, inclinava a cabeça para trás, fazendo os óculos escuros refletirem o céu, e dizia: “Eu amo ela”. E a cada vez que dizia isso, parecia entregue a uma profundidade que o fascinava, como se tivesse expelido uma pérola. No início de junho, quando Diana Porter saiu de férias para a Suíça, Dominic entrou em parafuso. “Foda-se a Virgem Maria”, disse, abalado. “Foda-se Deus.” Para mostrar seu desespero e a validade do amor que sentia, subiu no telhado da casa dos parentes e pulou.

Ficamos olhando para ele. Ficamos olhando Cecilia Lisbon olhando para ele do seu jardim. Dominic Palazzolo, com calças apertadas, botas Dingo e cabelo *pompadour*, entrou na casa, e o vimos passando pelas janelas panorâmicas de vidro laminado do térreo; em seguida apareceu em uma janela do andar superior, com um lenço de seda no pescoço. Escalando o peitoril, passou para o telhado plano. Parado ali em cima ele parecia frágil, doente e temperamental, como esperávamos que um europeu se parecesse. Andou na ponta dos pés pela borda do telhado como se fosse um atleta de salto ornamental e então sussurrou “Eu amo ela” para si mesmo enquanto desabava diante das janelas até pousar nos arbustos bem-cuidados do jardim.

Não se machucou. Levantou-se logo após a queda, tendo provado seu amor. Alguns diziam que naquele exato momento e naquele mesmo quarteirão o amor de Cecilia Lisbon desabrochou. Amy Schraff, que conheceu Cecilia na escola, mencionou que na semana anterior à formatura ela só falava em Dominic.